

# Sena sustenta cicatrizes da guerra

30.7.87  
★ Milhares de deslocados precisam de assistência  
por Paul Fauvet

A pequena vila de Sena, situada na margem sul do rio Zambeze, na província de Sofala, sustenta evidentes cicatrizes da guerra.

Os edifícios têm as suas paredes esburacadas por balas, as portas fora dos sustentos, alguns dos tectos desabados.

Sena foi assaltada por um numeroso grupo de bandidos armados no dia 23 de Setembro do ano passado.

Na mesma altura, os bandoleiros desencadearam um outro assalto contra a sede do distrito de Mutarara, no lado oposto do mesmo rio, na província de Tete.

As duas vilas estão ligadas por uma ponte ferroviária, sabotada pelo menos em dois lugares, em Novembro, possivelmente por militares sul-africanos.

Tropas moçambicanas e zimbabueanas retomaram Sena e Mutarara a 7 de Fevereiro deste ano.

— A batalha foi dura — disse à

AIM, o Tenente José Macharuca, oficial das Forças Armadas em Sena.

Sena agora está fortemente defendida. Uma nova tentativa de os bandidos de assaltar a vila a 8 de Julho resultou num fracasso.

José Inácio Dinga, trabalhador do posto de Saúde local, congratulou o papel das Forças zimbabueanas ali estacionadas pela sua acção na frustração desta tentativa.

— Eles têm salvo a vida de muitas pessoas — disse Inácio Dinga à AIM.

Mas os militares não conseguiram salvar a vida da esposa de Inácio Dinga, que morreu durante o ataque dos bandidos. Ele perdeu ainda dois dos seus filhos, dos quais vivia separado desde a tomada de Sena pelos bandidos em Setembro. Ele refugiou-se no Malawi e, desde que regressou, nunca mais ouviu falar dos seus filhos.

— Não sei se eles conseguiram escapar dos bandidos, ou, se estão vivos ou mortos — disse.

Inácio Dinga é um outro seu colega,

servente. José Artur, trabalham num posto sanitário, instalado numa casa abandonada que, no dia em que a AIM o visitou, não tinha nenhum medicamento.

Uma semana antes, o posto recebia 50 ampolas de penicilina, enviadas da cidade de Tete, que foram imediatamente usadas. Soldados zimbabueanos têm dispensado, em várias ocasiões, os medicamentos para o tratamento de doentes no posto, principalmente cloroquina para o tratamento da malária.

Segundo Inácio Dinga, várias pessoas chegam a Sena vindas das áreas circunvizinhas, numa média de dez pessoas por dia, e todas elas «cheias de doenças».

Ele disse que as doenças mais comuns são a malária, a bilharziose, a sarna e as doenças venéreas, estas últimas devido às violações que os bandoleiros cometem sobre mulheres que raptam nas suas incursões.

Contudo, ainda constitui perigo des-

locar-se a mais de 10 quilómetros de Sena. Esta insegurança, mais a seca prolongada que vem assolando a região norte de Sofala, obrigam os habitantes de Sena a uma sobrevivência dependente da ajuda alimentar.

Toda a assistência é coordenada pelo Departamento de Prevenção e Combate às Calamidades Naturais (DPCCN), instituição que já enviou a Sena aviões com alimentos e roupa. No dia da minha visita, um «Dakota» aterrou em Sena para descarregar milho e feijão do Programa Mundial de Alimentação e peixe seco doado pelo Governo norueguês.

O transporte de alimentos para Sena tem sido regular. Actualmente, quase que nenhuma pessoa morre de fome. A situação de nudez não pode ser considerada boa mas, finalmente, todas as pessoas, que vi, tinham alguma coisa a cobrir o seu corpo. Não vestiam pedaços de saco como acontecia ainda em algumas partes de Sofala.

Segundo o Tenente Macharuca, neste momento, Sena tem cerca de 2300 deslocados, alguns dos quais vindos de áreas a 80 quilómetros da vila. O número de necessitados está crescendo e donativos alimentares serão necessários por muitos mais meses.

As autoridades locais estão esforçando-se, sempre que possível, na integração dos deslocados em actividades agrícolas, distribuindo sementes e alfaías agrícolas. Dada a escassez das chuvas, a introdução de culturas resistentes à seca, como a batata-doce, apresenta-se como melhor solução.